

SITUAÇÃO ATUAL DE DOIS GRUPOS INDÍGENAS
DO SUDESTE PARAENSE: GAVIÕES E SURUI.

IARA FERRAZ

RELATÓRIO DE VIAGEM AO CAMPO REALIZADA
PELA ANTROPÓLOGA ENTRE 20/3 E 14/4/83.

SITUAÇÃO ATUAL DE DOIS GRUPOS INDÍGENAS
DO SUDESTE PARAENSE: GAVIÕES E SURUI.

Iara Ferraz
Antropologia
Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

O presente relatório dá continuidade ao levantamento iniciado em julho de 1982 sobre a situação dos índios Gaviões do Posto Indígena Mãe Maria, localizado a 40 km da cidade de Marabá, no sudeste paraense, em área de influência direta da implantação da ferrovia de Carajás. Desta vez, o trabalho estendeu-se também aos índios Surui do P.I. Sororó, habitantes da região do baixo Araguaia, caracterizada atualmente por forte tensão social.

X Afora as especificidades de cada grupo - pois o primeiro é Jê-Timbira e o outro, pertencente ao tronco linguístico Tupi - que, evidentemente, são levadas em consideração, torna-se imprescindível salientar uma vez mais que o fluxo acelerado do desenvolvimento que se verifica naquela região vem se traduzindo no complexo panorama sócio-econômico atual de todo o sudeste paraense. Isto equivale a dizer que a existência e a sobrevivência dignas destas populações indígenas envolvidas estão estreitamente vinculadas ao impacto das estratégias desenvolvimentistas seguidas para a Amazônia Oriental, onde a pouca atenção dada às populações locais vem agravando as contradições presentes ali.

Um breve relato acerca do principal núcleo urbano da região - Marabá - poderá situar uma dimensão que parece muitas vezes escapar às preocupações governamentais ligadas à implantação de vultosos projetos econômicos. Marabá, que conta atualmente com uma população de cerca de 75.000 habitantes, é constituída na verdade por três núcleos populacionais distintos. A "cidade velha", tradicional em sua forma de ocupação na confluência dos rios Tocantins e Itacaiunas, é ainda um centro comercial importante, embora periodicamente abandonado por seus moradores devido às cheias excessivas destes rios. A Cidade Nova é núcleo recente e de maior densidade populacional atualmente, formado junto ao trecho oeste da rodovia Transamazônica. Já a Nova Marabá é constituída por um aglomerado administrativo ainda mais recente, projetado de forma aparentemente aleatória na confluência de duas rodovias, a PA-150 (que liga Marabá à Conceição do Araguaia) e a Transamazônica, em seu tronco leste.

As formas de ocupação social verificadas nestes novos núcleos deixou de obedecer aos projetos idealizados, onde o "desenvolvimento" estaria voltado para a melhoria dos serviços públicos, de saneamento, habitação, educação, demarcação e distribuição de glebas de terras condizentes com as atividades econômicas da população regional, proporcionando o bem-estar de milhares de famílias que vivem hoje ali em condições precárias, sem qualquer infraestrutura.

A atividade econômica predominante na região sempre foi o extrativismo, onde a castanha-do-Pará representou por muito tempo a principal fonte de recursos para as populações locais. Por um lado, a organização das grandes unidades produtoras - os vultosos projetos em implantação na região - só exige mão-de-obra para determinadas tarefas e por tempo

limitado. Por outro, os pequenos produtores e a população anteriormente voltada para a atividade extrativista necessitam do trabalho assalariado para completar sua renda familiar, uma vez que o acesso à posse da terra lhes é dificultado. A solução é a mobilidade da força de trabalho, tanto espacial como ocupacional, isto é, os trabalhadores devem se deslocar de um lugar para outro e de uma ocupação para outra (v. BECKER, 1982). Para muitos, dirigir-se à Serra Pelada é a solução redentora.

A exploração das reservas auríferas nas proximidades de Marabá transformaram este município num enorme polo de atração de garimpeiros, novos ou tradicionais, resultando numa ocupação espontânea e ainda mais desordenada. Calcula-se que cerca de 50.000 indivíduos estejam ali se dedicando ao garimpo de ouro, sem perspectiva de abandono desta atividade-rentável a curtíssimo prazo - para o engajamento enquanto mão-de-obra em quaisquer outros projetos governamentais. A miséria que se verifica em toda a região faz com que as expectativas destes milhares de indivíduos sejam apenas "bamburrar" e enriquecer rapidamente, ao mesmo tempo em que o esbanjamento de pequenas fortunas individuais traduz-se na violência urbana e no progressivo incremento da prostituição.

As condições de saúde e saneamento tornam-se, assim, mais precárias, face ao intenso movimento migratório existente, característico de regiões como esta, tornadas subitamente "pioneiras". As questões sociais avolumam-se na medida em que o desempenho do Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins é pautado pela inobservância de uma estrutura fundiária específica existente, fazendo prevalecer uma dinâmica de concentração da propriedade da terra, ligada sobretudo

ao fortalecimento de grupos de poder local e regional.

- X Todas as particularidades inerentes ao complexo processo de transformação social que a região atravessa - apenas esboçadas aqui - vão apresentar faces ainda mais específicas ao focalizarmos a situação atual dos grupos indígenas que têm os seus territórios incrustados nesta conturbada região. É sobretudo a partir do escopo desta problemática social mais ampla que devem ser considerados os Gaviões e os Surui.

Parece-me importante mencionar que deixou de ser cumprido um dos principais objetivos da viagem ao campo: a realização de sobrevôos de helicóptero nas áreas indígenas, que haviam sido programados com grande antecedência. Em virtude do surgimento de problemas de ordem técnica, ficou impedida a execução de uma tarefa que dimensionaria adequadamente questões fundamentais, ligadas à proteção do território dos Gaviões - atravessado por uma rodovia federal, uma linha de transmissão de alta tensão e, agora, pela ferrovia de Carajás - e dos Suruí, onde a necessidade de ampliação da área seria confirmada a partir de um mapa especialmente elaborado por eles.

A primeira parte deste relatório trata da avaliação das atividades até agora desenvolvidas junto aos Gaviões do P.I Mãe Maria, através do "projeto de apoio" posto em prática pelo órgão tutelar, em convênio com a Companhia Vale do Rio Doce.

A maioria das questões será apresentada a partir de um documento básico, produzido originalmente em fita cassete pela liderança da Comunidade Indígena Parakatêjê, autodenominação "oficialmente" adotada pelos Gaviões após as mudanças significativas ocorridas desde 1976, conforme exposto deta-

lhadamente no relatório anterior.¹ É importante observar que este documento foi destinado especialmente a todos os responsáveis pelo desenvolvimento do "projeto" na área indígena, para que viessem a tomar conhecimento efetivo de um descompasso existente e de uma preocupação dos Gaviões que diz respeito à autonomia por eles conquistada.² Por várias vezes, no documento, esta questão será focalizada pelo principal articulador de uma nova ordem vigente entre os Gaviões, o chefe KROHOKRENHUM. Ele virá a chamar a atenção para o fato de que todas as realizações da Comunidade vêm sendo o resultado de um enorme esforço próprio, apesar do grande elenco de pressões externas que se lhes apresentam.

Os Suruí, do P.I. Sororó, por sua vez, além de um 'mapa' detalhado de seu território (em anexo), elaboraram uma carta endereçada à presidência da FUNAI, - da qual, conforme solicitado por eles, cópias foram encaminhadas à CVRD, ao Dr. João Paulo Botelho Vieira Filho, da Escola Paulista de Medicina e ao Centro de Trabalho Indigenista - onde são expostos os motivos para uma redemarcação correta e urgente daquela área indígena. A elaboração deste 'mapa', na verdade um croqui detalhado, ocupou boa parte da estadia entre este grupo Tupi do baixo Araguaia, cuja situação atual é apresentada na segunda parte deste relatório.

¹ FERRAZ, Iara, "Os índios Gaviões: observações sobre uma situação crítica", datilografado, CVRD, julho de 1982.

² Conforme solicitado pelos representantes daquela Comunidade, este documento, transcrito na íntegra, foi encaminhado antecipadamente aos responsáveis pela programação das atividades previstas para 1983 - FUNAI e CVRD.

I- OS GAVIÕES DO P.I. MÃE MARIA

1- Proteção da reserva indígena

Uma das principais questões apontadas, desde o início da implantação dos "projetos de apoio" às comunidades indígenas afetadas pela construção da ferrovia de Carajás, vem sendo a proteção efetiva destes territórios tribais.

- X Conforme apresentei no relatório anterior, a área do P.I. Mãe Maria passou a ser mais intensamente invadida por posseiros e grileiros a partir do início das obras para a construção da ferrovia. O desmatamento e a terraplanagem de uma faixa de 100 metros de largura que atravessou grandes castanheiras da área indígena em toda a sua extensão - cerca de 17 km - propiciou o incremento às invasões e aos roubos de castanha, facilitados pela não-vigilância do trecho por parte das empresas construtoras, que vinham permitindo o livre trânsito pela faixa.

Em setembro de 1982, o chefe da Ajudância da FUNAI em Marabá deslocou-se para o P.I. Mãe Maria, juntamente com agentes da polícia federal a fim de desalojar os invasores, o que foi executado com violência.¹ Tais medidas foram justificadas enquanto recurso último para conter os processos de invasão. A sua eficácia restrita fica, no entanto, demonstrada pelo intuito manifesto dos invasores de voltarem a entrar na reserva indígena, o que reflete a situação ~~complexa e~~ ~~grave~~ de todo o sudeste paraense.

¹ Em anexo, o seu relatório, encaminhado à Delegacia Regional da FUNAI, em Belém. Observe-se que várias medidas de precaução foram devidamente sugeridas.

X O problema das invasões no território dos Gaviões torna-se ainda mais complexo ao se verificar - conforme apontado também no relatório anterior - que até o presente momento nenhuma solução satisfatória parece estar sendo buscada para o impasse criado pelo Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins (GETAT), ao assentar, no interior daquela reserva, cerca de 40 famílias de posseiros. Estes se recusam a abandonar o local, uma vez que instalados ali oficialmente.

De acordo com as informações fornecidas pelos Gaviões e pelo chefe da Ajudância da FUNAI em Marabá - que em abril de 1982 encaminhou relatório sobre o assunto à Delegacia Regional de Belém (em anexo) - representantes do GETAT retomaram negociações com a liderança da Comunidade Indígena no sentido de verificar a possibilidade de desviar a picada demarcatória da reserva naquele trecho, para que os posseiros ali permanecessem. Como os Gaviões discordam desta possibilidade, com o apoio do órgão tutelar a níveis local e regional a questão foi transferida para a esfera federal. Uma solução sa-

X tisfatória é aguardada pelos Gaviões há, pelo menos, um ano.

"COTIA": "Nunca veio contrato, rapaz! já reclamei com Cícero, doutor Cícero [engenheiro responsável no acampamento da CVRD, D-2]... Mas eu quero que toma conta, já falei pra ele! "Um dia eu me dana, eu vou arrebentar esse todo ai, esse estrada ai! " Tava deixando entrar posseiro, entrando pessoal estranho, só avisaram: -"É de vocês?" Disse:-"Não! esse não!! Vocês têm que me avisar! Por que que vocês num olha?... senão, vou... eu vou proibir todinho, pra vocês ficar parado ai! Corta mesmo, para mesmo, serviço!"

Ele disse: -"Não! não façam! Eu vou colocar... vou mandar fechar ali, porteira dentro da área, no Fleicheira [rios limítrofes] , no Jacundá..."

Eu disse: -"Se você faz pra gente... por a gente tá liberado, vocês tão trabalhando aqui na área, né?...É..."

tá certo: nós recebemo indenização e nem importa negócio de indenização. Só vocês, trabalhando, tá certo. Mas... vocês aqui dentro da área nossa... pessoal de posseiro tão entrando, entrando e vocês..." Então o caso é que vai acontecer... negócio de contrato... procurei, disse:

- "Não! contrato até agora num saiu! Nada!"

Nem lugar onde vai ser viaduto pra nós, aonde vai ser. Porque pela conversa, pela boca, conversaram que vai ter viaduto pra nós! Mas agora... até agora... tou vindo aí... num sabe aonde vai ser! Doutor Cícero falou pra mim que vai ser por cima, pra nós... Nós quero fazer a estrada até no... no rio!

KROHOKRENHUM: Até no... no canto! [limite da área] aonde que nós... vamo botar fazenda... lá no canto!

C: Já tou botando gente lá, pra fiscalizar... Acho que tá terminando negócio de posseiro lá, ninguém tá... entrando mais...

K: Acalmaram, já...

C: Por enquanto tá calmo, né? Botei lá gente ainda... Começaram, rapaz! Num tinha jeito mais...

K: Ih!... num para!...

C: Agora vai ter fiscalização lá, direto!

K: É... eu quero sempre fiscalizando lá... pra lá... dá uma reparada lá todo o tempo! Até... no inverno! Pra num acontecer mais!

C: Precisa ver o problema dos outros, a história... esse negócio de posseiro mesmo... porque posseiro do GETAT... disseram que o... Delegado, Paulo Cesar, quando eu tive em Belém, agora... tava três rádio, eu viu rádio, me mostrou, eu viu... que eles vão entregar, GETAT vai entregar este... este área que... GETAT tá! que ele vai entregar todo! FUNAI num vai aceitar desviar não! é... é reto mesmo, o pique. Que a FUNAI tá gritando, tá brigando, que vai entregar, que já tá certo, que já tá quase saindo. Este pessoal do GETAT chegou, disse que a FUNAI num pode desviar o pique, tem que ser reto mesmo! Porque eles fizeram assim pra desviar...

K: Esse aí o GETAT... que criou problema!

C: Agora fizeram plano, GETAT veio aqui, conversou com nós, pra poder desviar, ficar o GETAT mesmo, mas a FUNAI num aceitou! Tem que ser ali mesmo! Agora GETAT tem que sair, pra ficar esse a... esse a área nosse!"

X No texto é mencionado que a indenização recebida pelos Gaviões em abril de 1982 da CVRD não implicou em quaisquer ga

rantias em relação à proteção efetiva daquele território tribal. A Comunidade aguarda a elaboração de um instrumento jurídico adequado (um "contrato", segundo 'Cotia'), que estabeleça normas para a utilização da faixa, direitos e deveres das partes envolvidas.

O estabelecimento contratual de normas para a utilização da faixa da futura ferrovia - conforme apontado já no relatório anterior - torna-se cada vez mais imprescindível, tendo em vista questões como a extensão das caixas de empréstimo, abertas em área de castanhal no interior da reserva, à margem do leito da ferrovia e, principalmente, sua recuperação a curto prazo, conforme apresentado no relatório anterior. É importante salientar que nenhum outro desmatamento para retirada de materiais está autorizado pela Comunidade, a não ser os estabelecidos no recibo por eles assinado pela indenização, em abril de 1982.

× Foi apontada agora a necessidade de construção de uma passagem através do leito da ferrovia, em local ainda não determinado, no interior da reserva. A possibilidade de construção de um viaduto, conforme aponta 'Cotia' no documento, foi aventada pelos técnicos responsáveis da CVRD no local. A travessia frequente da ferrovia por local seguro e adequado - para pessoas, animais e veículos de grande porte - prende-se ao fato de os Gaviões estarem ocupando, progressivamente, porções estratégicas de seu território, para fins de vigilância constante em relação às invasões.

A formação de "fazendas", como chamam, por regionais contratados pelos Gaviões para se fixarem nos limites do interior da área, resulta em cerca de 10 a 15 alqueires (em média) de

roçados de arroz, milho, mandioca e banana, principalmente, além do plantio de cultivares perenes, como as árvores frutíferas. A necessidade da construção de um "viaduto" deve-se, segundo os membros daquela Comunidade, ao fato de que as passagens comumente abertas sob o leito da ferrovia não apresentam altura suficiente para a passagem de caminhões, como os utilizados pelos Gaviões para o transporte de pessoas, sementes e ferramentas agrícolas que se destinam as suas "fazendas".

Uma primeira experiência de formação destes grandes roçados foi realizada à margem da estrada de serviço aberta pela Queiroz Galvão S.A. (a construtora da ferrovia no trecho) - um acesso da BR-222 à ferrovia - numa localidade outrora fortemente invadida por posseiros, denominada "Cinzeiro". Por ocasião de minha estadia entre os Gaviões, eles completavam a colheita em mutirão, numa área de 13 alqueires, de cerca de 250 sacas de arroz para consumo e plantio.

Com a redemarcação do território dos Gaviões, uma grande área de pastagem situada no limite sul da área - junto ao igarapé Flecheiras - que pertencia ao proprietário vizinho, ficou em posse da Comunidade. No entanto, o gado deste proprietário permanece no local, cuja utilização é requerida agora com exclusividade pelos Gaviões, uma vez que a pastagem se encontra no interior da área. Tem sido ineficaz a mediação do órgão tutelar a nível local, uma vez que o proprietário é um destacado chefe político regional.

Os Gaviões solicitaram que seja realizada neste ano a reavivamentação dos marcos e das picadas em todo o território, como medida de segurança e prevenção contra as invasões.

Uma sinalização adequada da rodovia federal que atravessa a

área indígena - BR-³222, que será asfaltada a partir de junho próximo - apresenta-se como uma das providências mais urgentes a serem tomadas por setores governamentais, especialmente pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, bem como o estabelecimento de normas para os trabalhos de asfaltamento e para a própria utilização da rodovia no trecho compreendido no interior da área indígena.

Uma vez que a rodovia virá futuramente a se transformar em auto-pista de tráfego intenso, a fixação destas normas especiais e de uma correta sinalização torna-se imprescindível, alertando para o fato de que é um trecho muito frequentado pelos Gaviões, sobretudo quando se deslocam para as áreas de caça e coleta.

2- Avaliação do 'projeto' CVRD-FUNAI

KROHOKRENHUM: "Pois é... esse negócio de 'projeto' que nós não... eu mesmo... a única eu mesmo eu não gostei... que nós precisava... Mas que nada! Eu pensando que era... a FUNAI recebeu chegava aqui o... conversava com a gente... primeiro, né? Eu precisava esse 'projeto'... Nós acochemo, acochemo, até saiu! Só pra FUNAI mesmo! Eu num gostei, eu não... nem reparou serviço... Mudaram todo o serviço que nós tava precisando! Esse serviço mal feito! esse... esse caixa d'água que... eu tava precisando mais serviço mais legal... mas como ele fez o gosto dele... ele fez de madeira, eu num achei bom! até a caixa d'água tá quebrado, muito feio! (...) Eu pensava que chegava e procurava o que eu tava precisando... eu pensando que vem 'projeto' era pra terminar esse a obra todo primeiro, entregava e começava a outra obra, negócio de escola, de farmácia, né? Como logo ele fez depressa negócio do... poço, ele fez logo na marra... o... rápido, pegou outra obra. Ai eu num achei bom, num achei bom mesmo não! Eu pensando que eu... combinava com calma o que tava precisando... Assim como primeiro saiu negócio de... a... o 'projeto'... a metade do... burro! Então eu gostei... a metade, pensando que era todo tempo assim, né? Nós compramo o burro, di-reitinho, até burro saiu... (Quantas cabeças nós compramo?)

'Cotia': "Doze!"

K: "É... nós compramo doze cabeça de burro, animais... Então

eu achei bom, pensando que era todo tempo assim, mas... que não! O serviço maior... nem Comunidade vê... nem procurava o que que nós tava precisando... que nós pedimo, já mudou tudo! já mudou tudo que nós tava precisando... já tava, tá pra lá... O gosto deles mesmo tá fazendo... como deles mesmo! nem procurou a gente! É... esse tanta coisa que eu pede... é como ele falou assim negócio de carro... a D-10... falou, falou, falou! Ai eles falaram... palavra deles, né? até hoje... que diz que chegava, chegava, chegava... até hoje! (...)

Eu tava alegre por causa de 'projeto', porisso eu conversa com a FUNAI...até eu... eu ficou puto com esse 'projeto'... esse serviço que tá fazendo... eu nem ver, eu tou ligando nada serviço... O fossa, até porcaria... esse porcaria que ele fez num dá nem... cinco ano! num presta, num presta esse fossa! Ele fez serviço pior!

Porque eu pensando que serviço, a... esse negócio de 'projeto' chegava direitinho, fazia melhorar muito, melhorava como eu fez serviço! Serviço que eu fez na marra, num sabia... até meu serviço até... legal, mais que esse serviço de 'projeto'! Serviço de 'projeto' é porcaria... parece um criança... parece com esse mesmo... serviço porcaria... mal feito o serviço!

E tubo... tubo da fossa, tá tudo fora... num sei... num sei, parece serviço ficou brigando... eles tão fazendo.. num bota nem pissarra, tá tudo fora... o tubo num sei como vai ser... Ai vai ficar... num demora nem, num atura nem mais cinco ano!... cada fossa que ele fez, cada um... tá tudo aberto... num tem tampado! vai quebrar logo, logo...

C: (...) Queria gastar menos, pra sair mais barato! Eu assisti todo o negócio do 'projeto' do... a reunião que fizeram em Belém. Eu fui, eu assisti. Nenhum índio foi, mas eu fui. Eu fui assim mesmo!

K: Lá mesmo contrataram, fora da gente, num chamou nem a gente... só quer pra ele mesmo! combinaram nada!

C: Por que é que veio pessoal do Banco Mundial, veio pessoal da Vale... Vale do Rio Doce, por que chegaram aqui, olharam aldeia, por que eles pensaram, por que eles prometeram pra... pra poder terminar a aldeia? Num foi pra isso que arrumaram esse 'projeto'? Num sei quanto tem pra gastar pra esse ano, né?

K: Eu sei que num é nem a FUNAI que... foi lutando com a FUNAI, a força da FUNAI não! Comunidade lutou, lutou... agora sai na mão da FUNAI?! Eu num gostei! Como é ... num tava nem sabendo, num tava nem esperando... quem que fez luta é... a Comunidade! Também nós num achamo bom...

... Mas sai na FUNAI, num sei se é por lá, né? num sei se é pro lado da pessoa... lá é... a pessoa que fizeram, fora da gente... aí é... mesma coisa como é o ... dentro da FUNAI mesmo! Até é pior ainda, serviço!

C: Pois é, caso é que nós vamos reclamar (...) a gente vai desmanchar esse 'projeto', fazer outro! No caso é arriscado pra gente cortar esse negócio de 'projeto' aí... Por que vocês... por que que a Vale vai dar 'projeto' e a FUNAI vai tomar conta pra num aplicar, pra num fazer.. pra num fazer serviço que ... que a Vale do Rio Doce e o pessoal do Banco Mundial pensaram pra... pra terminar a aldeia toda? Pra melhorar o que que a Comunidade tá precisando, né? Pra isso que eles vieram, olharam...

K: ... Que prometia, né? prometia... pra que nós precisava, pedia pra... mandava pra ajudar Comunidade! Mas que nada! Só pra FUNAI mesmo!

C: (...) Não sei... mas pelo relação que voce sabe o que é que tem pra fazer... então eu também não gostei não, nós num gostemo não! Nós tamo aguardando pra Lamartine [responsável, na FUNAI, pela implantação dos 'projetos'] mesmo vem, nós vamo pegar ele pra sentar, pra dizer o que que vai sair! "Se não for sair esse aqui -oatérmino das obras nas casas, então voces devolve dinheiro da Vale, pro Banco Mundial..."

K: Ai para serviço... para serviço!...

C: ... vamo resolver pra fazer... terminar nossa própria mesmo!

K: Serviço num vai terminar bem não!...

C: Porque assim num dá certo... a FUNAI ganhando na costa... da Comunidade, negócio de 'projeto' que vem pra Comunidade... e a FUNAI vai ganhando dinheiro na... na costa da Comunidade? Não!

K: Só eles tá ganhando juro! boa!... aqui? nada! (...)

C: Toda a caixa d'água tá todo quebrado, todo emendado! (...) Tem oito... parece que oito, sete caixa quebrado! (Liga motor seis hora... quando dá onze hora, num tem água! tem que ligar de novo! a bomba.)Então o caso que nós pensava... nós pensava que esse 'projeto' era pra dar caixa de concreto... (...) Porque nós queremos, a Comunidade quer... quer saber quanto, quantos mil vem pra esta obra? Ninguém sabe... nem ele [apontando para Krohokrenhum], nem eu, ninguém sabe quanto vem... quanto que tem aqui... neste banco pra esta obra daqui... Tá certo! Se foi certeza mesmo que a Vale falou mesmo... num sei... ninguém sabe se foi certeza... se foi mentira da FUNAI... que eu soube que a Vale nem queria que nem que a Comunidade via dinheiro pra...

pro 'projeto'. Tá certo! nós num quero mesmo... nós num quero ver, nós num quero receber este dinheiro da Vale... então nós queremos assistir este 'projeto'! No que é que eles tão aplicando? Então o caso que vai ter agora... esse negócio de confusão, pois nós vamo mandar parar! Porque ebs vão fazer essa escola, vão fazer este... este enfermaria, vão fazer ai... mas é pra Comunidade, num é pra FUNAI!

(...) Num é pra só um não! tem que todo mundo... tem que todo mundo saber o que que nós queremos, que nós tamo querendo pra fazer! Então... a FUNAI num pode pensar fazer do jeito que ela quer!

K: (...) Quero saber primeiro como... como foi, quem é que mudou aquele... esse negócio de 'projeto'? Se é nada me lhora, quero que a pessoa vem pra responder aqui: -"Não! quer fazer aquele mesmo que nós mandemo!", tá certo, então... pode fazer! num quero nem ver!!"

→ A insatisfação dos Gaviões em relação ao 'projeto' ora em execução junto àquela Comunidade está ligada principalmente a uma distorção em relação à proposta original, apresentada aos representantes do Banco Mundial e da CVRD, que diz respeito ao término das obras das casas da aldeia. Por outro lado, o seu descontentamento prende-se ao fato de sua não-participação efetiva na fase de elaboração do 'projeto', marcada por excessiva e inexplicada urgência. A inadequação vem se verificando pelo mal-dimensionamento das obras e, sobretudo, pelo não-cumprimento de pontos que haviam sido apresentados pelos componentes do grupo. A principal reivindicação, portanto, diz respeito ao término da construção das casas da aldeia, questão insistentemente abordada no texto acima por Krohokrenhum e por um de seus principais ajudantes, Pÿrkrejimõkre, 'Cotia'.

O sistema de abastecimento de água - um poço, a construção de uma caixa d'água e instalação da rede de distribuição nas moradias - bem como a construção das fossas sépticas foram recentemente concluídos. No entanto, ao lado da qua-

lidade inferior dos serviços executados, sobressai o anacronismo do dimensionamento destas obras que terão, necessariamente, que sofrer reparos imediatos ou até mesmo ser refeitas, como é o caso da caixa d'água. Além de uma tendência apresentada para a sensível diminuição dos custos das obras - o que implicou, possivelmente na baixa qualidade - estes fatos surgem como consequência do desconhecimento do modo de vida tribal por parte dos responsáveis pela elaboração dos projetos, sobretudo no tocante às edificações. É importante salientar que não se tratam de obras de um 'acampamento' temporário e sim de um aldeamento indígena tido, por enquanto, como definitivo, a considerar pelas casas de alvenaria construídas pela Comunidade.

De acordo com o executor da obra, um regional que vinha trabalhando há dois anos para a Comunidade, como carpinteiro e marceneiro, a perfuração do poço de tipo amazônico - com cerca de apenas 14 metros de profundidade - não garante um abastecimento satisfatório durante a época da seca. Será necessária a perfuração de um outro poço, para que o nível da água mantenha-se estável. O local escolhido foi exatamente a distância mínima recomendada em relação às fossas sépticas recém-construídas (20 metros) e, de acordo com os membros da Comunidade, estas por sua vez apresentam capacidade aparentemente insuficiente para os cinco anos previstos originalmente.

A caixa d'água, construída sobre um frágil gradil de madeira, é composta de dez pequenas caixas de cimento-amianto de 1.000 litros cada, que já apresentam rachaduras. Sua capacidade também é claramente insuficiente para o abastecimento da aldeia, conforme aponta 'Cotia' no documento. O dispêndio de combustível é sensivelmente maior com o acionamento diário, por quatro a cinco vezes, do grupo gerador. O projeto da Co-

munidade consistia numa sólida construção em concreto, igualmente de caráter definitivo.

Os Gaviões esperavam que o início das obras de re-instalação do Posto Indígena - escola, enfermaria, sede, etc. ¹ fosse posterior ao término de várias casas da aldeia e, entre elas, a do próprio chefe Krohokrenhum, conforme fora solicitado inicialmente aos representantes do Banco Mundial, da CVRD e da FUNAI, por ocasião de uma das primeiras visitas da equipe àquela Comunidade.

Todas estas aparentes "imprudências" saltam aos olhos dos componentes do grupo, contribuindo para aumentar sua insatisfação, o que traduz a incoerência do próprio 'projeto', tal como concebido por seus elaboradores, muito distinto daquilo que constitui o projeto dos Gaviões, diariamente discutido nas reuniões noturnas e masculinas, no pátio da aldeia. É esta a diferença significativa que parece não ter ficado suficientemente clara no primeiro relatório e por isso, volto a abordá-la. É neste sentido que a adequação do 'projeto' à realidade deve ser promovida, através da incorporação das alterações e mudanças sugeridas a partir da Comunidade e do conhecimento que se tem atualmente sobre o modo de vida tribal particular aos Gaviões.

Como se pode observar através do discurso de Krohokrenhum, o desenvolvimento do 'projeto' prendeu-se, apesar da insatisfação dos Gaviões-dados os motivos mais uma vez aqui apresentados, - a obras de infra-estrutura na aldeia (em fase final) e de âmbito administrativo, ou seja, do Posto (em construção). A adquisição de equipamentos, assim como a contratação de pessoal deverão constituir a etapa seguinte, de acordo com o cronograma físico-financeiro do 'projeto'.

¹ Uma vez que esta infra-estrutura administrativa já existia.

Krohokrenhum menciona (final da página 11) que um dos poucos "acertos" verificados até agora consistiu na aquisição efetuada diretamente por eles, acompanhados do chefe do Posto, de uma tropa de muares, tendo em vista a extração da safra de castanha. O veículo - chamado "D-10" no texto - e a maquinaria agrícola constituem-se ainda em "promessas" de um projeto elaborado às pressas, sem o devido conhecimento do modo de vida atual dos Gaviões. Estes equipamentos poderão vir a ser necessários - o veículo de fato o é - à administração do Posto. Uma das modificações propostas pelos Gaviões consiste na aquisição de um caminhão de porte médio e de um motor de popa - cujas especificações serão encaminhadas pelo chefe do P.I. Mãe Maria - itens não incluídos no 'projeto' original, por desconhecimento das necessidades reais dos Gaviões e das condições da região. Sobressai mais uma vez a distinção efetuada pelos Gaviões entre os seus projetos, elaborados e discutidos por eles e os "da FUNAI" (ou "da Vale", etc.) montados de acordo com um 'modelo' pré-existente, onde sua participação efetiva vêm se dando através de ajustes e acomodações insatisfatórias.

X A questão relativa ao fracasso dos 'modelos' de projetos em áreas indígenas foi detalhadamente abordada no relatório anterior. Cabe salientar mais uma vez que a introdução de um sistema de mecanização para o plantio de roçados (e pastagens) apresenta-se como uma inovação extremamente apressada e cercada, por isso mesmo, de poucos cuidados, demonstrando equívoco ^{em rel. ao} conhecimento do grupo indígena e, sobretudo, da região amazônica oriental.

Nem mesmo os grandes proprietários de terras do sudeste paraense vêm se utilizando de maquinaria - trator e implementos -

para os trabalhos de agricultura. É conhecido nas redondezas o caso de um fazendeiro goiano que decidira transplan-
tar sua experiência para aquela região do Pará, tendo sido
obrigado a abandonar o empreendimento no ano seguinte, face
aos problemas advindos.

Comprovadamente, torna-se logo flagrante o caráter improdu-
tivo do investimento, uma vez que o uso continuado de maqui-
naria implica ali em custos excessivamente elevados de pre-
paro do solo. Já são bastante difundidos os problemas de or-
dem técnica vinculados à mecanização da agricultura na re-
gião amazônica, onde revolver a camada superficial de humus
vegetal leva ao rápido e irrecuperável esgotamento do solo.

A técnica empregada para o plantio de roças em toda a região
consiste basicamente no sistema de coivara onde, após a der-
rubada, procede-se à queimada e limpeza da párea a ser cul-
tivada. Ela pode ser reaproveitada alguns anos mais tarde,
já que a capacidade de reposição do solo é exatamente faci-
litada pela decomposição de material orgânico restante das
roças e queimadas anteriores.

Entre os grupos indígenas, por outro lado, não se pode dei-
xar de considerar a operação de um sistema de organização
social específico que dispõe dos homens maduros e grupos de
mulheres (em geral, de irmãs, reais ou classificatórias), no
caso dos Gaviões) para os trabalhos de plantio e colheita das
roças. Esta divisão do trabalho obedece às particularidades
de cada sociedade tribal. É neste sentido que a ruptura brus-
ca deste sistema pode ter consequências desastrosas, consi-
derando as modificações acarretadas pela mecanização da a-
gricultura. Ainda assim, é forçoso crer que o "êxito" de ex-
periências desta ordem - ocorrida entre grupos localizados

em outras regiões (como o sul de Mato Grosso) - seja de fato compartilhado pelos membros das Comunidades envolvidas, salvo algumas raras exceções.

A título de exemplificação, conforme apresentado no relatório anterior, redundou em fracasso a experiência levada a efeito junto aos Krikati do Maranhão, localizados em região de transição entre os campos cerrados e a mata tropical. Os componentes daquele grupo acabaram indo empregar-se como mão-de-obra volante (peões) em propriedades das redondezas uma vez que, em seu território e por forte imposição da administração tutelar, o trator viera a substituí-los nos trabalhos de plantio de roças de arroz. Uma série de problemas de caráter político também surgiram, contribuindo para o acirramento do faccionalismo interno - particular aos grupos Timbira - em função da apropriação da maquinaria agrícola.

Os Gaviões apontam que a utilização do trator estaria voltada para o trabalho nas pastagens e para a abertura de pequenas estradas na mata. É ainda prematuro o estágio das pesquisas de técnicas alternativas para a Amazônia, tendo em vista a racionalização econômica de atividades adaptadas ao modo de vida tribal. É possível que com o auxílio de agrônomos especializados - à futura disposição da Ajudância da FUNAI em Marabá, conforme programado - novas pesquisas neste sentido venham a se desenvolver satisfatoriamente. No entanto, deve prevalecer o conhecimento das técnicas tradicionais, bem como das características de uma organização social específica, para que avanços significativos neste setor venham a ocorrer.

A extração da castanha vem deixando de ser, para os Gaviões e em toda a região produtora, a importante fonte de recursos que a caracterizava como uma das principais atividades eco-

nômicas voltadas para a comercialização. A crescente escassez do produto é, sem dúvida, resultante dos gigantescos desmatamentos verificados na região, conforme salientado no relatório anterior. O acesso facilitado aos castanhais da reserva indígena - pelo futuro leito da ferrovia de Carajás e pela rodovia federal que atravessa a área - e a ausência de vigilância efetiva ocasionaram os volumosos roubos de castanha ocorridos na última safra, extraída por coletores kupê, "brancos" contratados pelos Gaviões.

É surpreendente que a produção no território tribal tenha alcançado este ano apenas 280 hectolitros, quando há cerca de quatro ou cinco anos eles dali extraíam em média 4.000 hl de castanha. Conta-se que "no tempo do SPI" (Serviço de Proteção ao Índio), 8.000 hl de castanha deixavam, rumo à Belém, aquele que foi considerado o maior Posto Indígena produtor de castanha-do-Para.

O mais recente projeto da Comunidade consiste na montagem de uma pequena serraria no interior da reserva, destinada ao aproveitamento da madeira retirada da faixa de domínio da ferrovia, da derrubada de áreas para roçados e das eventuais pequenas estradas perimetrais, vistas pelos Gaviões como meio de fiscalização de seu território.

No entanto, conforme tivemos oportunidade de conversar demoradamente, estas estradas poderiam vir a se tornar novos acessos para os invasores. Os Gaviões argumentam, por sua vez, que pretendem instalar trabalhadores kupê, por eles contratados, para a formação de "fazendas" em pontos estratégicos da área, que vão se transformar assim em postos de vigilância permanente, possibilitando o controle dos processos de invasão.

A contratação de pessoal surge como um dos requisitos necessários à assistência da Comunidade, notadamente no setor de saúde. Um motorista e um trabalhador braçal também foram apontados como necessários aos trabalhos da Comunidade. Uma vez que a recomendação apresentada no relatório anterior para a coordenação do projeto pelos próprios Gaviões parece não ter sido considerada, a participação formal e ativa do atual chefe do Posto é, em grande medida, reclamada pela própria Comunidade aos responsáveis pela implantação do "projeto". Imputar formalmente àquele servidor de confiança da Comunidade uma parcela significativa de participação de caráter administrativo seria um modo possível de se corrigir as distorções que vêm se verificando.

X As atividades de educação formal no P.I. Mãe Maria vêm sendo implementadas desde o final de 1982, com poucas interrupções. A escola funciona numa grande casa compreendida no círculo da aldeia - originalmente destinada ao "clube" da Comunidade - sendo frequentada por duas turmas no período matutino e uma à tarde, constituídas de crianças e jovens adolescentes, numa faixa de 5 a 13 anos. Um programa oficial de alfabetização exclusivamente em língua portuguesa foi adotado pela professora, enquanto a Comunidade aguarda o término de uma pesquisa linguística empreendida pela Profa. Maria Leopoldina Araújo, vinculada à Universidade Federal do Pará. Este material dará origem à elaboração de uma cartilha específica, no próprio idioma, conforme solicitado por Krohokrenhum. É um modo particular de reviver a operação de um sistema linguístico já em processo de abandono por parte da maioria dos jovens e crianças, tal o incentivo para o aprendizado da língua portuguesa, exclusivamente, até então.

Desde o ano passado, alguns jovens começaram a freqüentar o curso de 1º grau oferecido pela Escola Municipal de Morada Nova, povoado que se localiza no km 12 da rodovia BR-222. Da da uma série de dificuldades para o seu deslocamento diário no período noturno, ao que se alia a deficiência e inadequação do ensino daquele estabelecimento, torna-se emergente a implementação de um programa de educação bilíngue junto aos Gaviões. Juntamente com a professora do Posto, a Profa. Maria Leopoldina Araújo - que trabalha com os Gaviões há cerca de dez anos - poderia vir a coordenar este programa, que estaria voltado basicamente para a formação e treinamento de monitores de educação bilíngue, que empreenderiam as tarefas de alfabetização das crianças. Este procedimento viria a possibilitar, por sua vez, a ampliação das atividades educacionais de caráter formal, estendendo-se aos adolescentes e adultos que viessem a se interessar.

No P.I. Mãe Maria, uma assistência adequada no setor de saúde requer não apenas a contratação de um enfermeiro qualificado para a Comunidade, mas sobretudo a aquisição do devido equipamento para a enfermaria, além do fornecimento de recursos suficientes para a remoção de enfermos, em caso de necessidade. Atualmente, o chefe do Posto incumbe-se destas funções, já que sua formação profissional inclui conhecimentos específicos sobre controle de moléstias endêmicas. O microscópio é um instrumento indispensável para um controle sistemático do estado de saúde dos Gaviões, desobrigando o deslocamento de enfermos de média gravidade, ou mesmo dos servidores do Posto, para fins de realização de exames laboratoriais.

Como pôde constatar na última viagem ao campo, a situa-

ção de saúde dos Gaviões apresenta algum controle e, consequentemente, melhorias significativas. Os Gaviões atribuem-nas ao consumo de água proveniente do poço recém-perfurado, o que de fato diminuiu a incidência de malária e de infecções gastrintestinais, que eram frequentes e não raras vezes, letais. Há apenas um antigo caso de tuberculose crônica - um homem maduro, com cerca de 40 anos - sob controle, em Belém.

O início do desenvolvimento de um importante ciclo ritual ligado à iniciação masculina - PÊMPTEPET - cuja complexidade de que se reveste é característica dos grupos Jêdo Norte - fornece a dimensão específica de um modo de vida tribal que vem sendo reciclado pelos Gaviões, em função do fortalecimento de sua identidade étnica, estratégia posta em prática para fazer face às contradições e ameaças que o convívio com o "brancos" lhes impõem.

Todo o grupo está segmentado em metades cerimoniais - PÀN (Arara) e HÛK (Gavião) - que disputam as tradicionais corridas de tora e os jogos de flechas. Embora a orientação deste ritual diga respeito à iniciação dos jovens guerreiros, grande entusiasmo e movimentação mobilizam todo o grupo, sobretudo quando o cerimonial apresenta momentos de inversão de papéis, dando ênfase ao desempenho das mulheres nas corridas de tora e nos jogos de flechas.

Os jovens iniciandos permanecem reclusos por alguns meses, numa pequena casa fechada com palhas de babaçu, construída na parte posterior do círculo da aldeia, atrás da casa de um dos guias cerimoniais. Naquele local, recebem ensinamentos especiais, baseados na bravura e na honradez, princípios norteadores da perpetuação de um ethos guerreiro, particular aos grupos Jê atuais. Dali saem apenas para a realização de

atividades coletivas, como expedições de caça e coleta ou ainda colheita de roças. Sempre juntos, os pêmp banham-se num ponto exclusivo do igarapé próximo à aldeia (Mãe Maria). "É preciso banhar muito para crescer logo!" afirmam os mais velhos do grupo.

Este solene período de reclusão, onde estão interditadas as relações sexuais e a ingestão de determinados alimentos - como carnes de caça e castanha - marca a passagem para o que se poderia chamar de maturidade. Findo o ritual, estarão prontos para reproduzir a continuidade de um ethos Gavião.

Foi a própria autonomia conquistada por eles que permitiu esta reciclagem de padrões tradicionais de vida. É significativo o fato de salientarem que a realização plena deste importante ciclo cerimonial não ocorria há cerca de 25 anos: exatamente o tempo transcorrido do contato dos Gaviões com a sociedade envolvente. A retomada do controle efetivo sobre as condições de produção de sua vida material, com vistas à abundância, à semelhança da vida dos kupê (os "brancos"), remete à revalorização de um sistema específico de organização social, exatamente para o enfrentamento de uma realidade fundada numa contradição essencial: a convivência necessária com a ordem do mundo dos "brancos".

X É deste ponto de vista específico que a Comunidade Indígena Parakatêjê tende a se mostrar insatisfeita diante das atividades ali implementadas a partir de um âmbito externo, agenciadas mais uma vez, pelo órgão tutelar. As transformações ocorridas no modo de vida do grupo, que passou a controlar todas as atividades levadas a efeito no domínio de seu território - utilizando-se dos serviços prestados pela FUNAI - fazem com que a sua participação efetiva nos momentos decisórios assumam uma perspectiva de fundamental importância.

Torna-se portanto imprescindível que as modificações propostas pelos Gaviões sejam discutidas e introduzidas no "projeto" em questão. De outro modo parece arriscar-se a credibilidade dos setores responsáveis por sua implantação, junto a um grupo cuja situação particular de autonomia em que se encontram traduz-se numa conquista que só a eles, os Gaviões, deve ser atribuída.

ANEXO I
DADOS POPULACIONAIS

		JUNHO 82				ABRIL 83			
idade	sexo	M	F	kupë		M	F	kupë	
				M	F			M	F
1	0-10	31	30	-	1	29	30	-	1
2	11-20	22	21	3	-	23	20	2	2
3	21-30	11	7	1	1	11	7	1	-
4	31-40	17	13	2	-	16	12	2	-
5	41-50	7	4	-	-	7	5	-	-
6	51-60	4	-	-	-	4	-	-	-
7	61 e +	-	1	-	-	-	1	-	-
TOTALS		92	76	76	2	90	75	5	3
		<u>168</u>		<u>8</u>		<u>165</u>		<u>8</u>	

De acordo com o quadro demográfico apresentado, verifica-se um ligeiro decréscimo populacional, ocorrido entre os Gaviões neste período compreendido entre a primeira e a segunda viagens ao campo (junho de 1982 e abril de 1983). A transferência de uma família numerosa - um índio Xerente (GO) casado com uma Guarani (SP) e seus nove filhos - que esteve por um ano entre os Gaviões foi o principal motivo do decréscimo. Oito nascimentos verificados - 5 do sexo feminino e 3 do sexo masculino - reequilibraram o quadro demográfico, onde ainda se pode verificar um ligeiro desequilíbrio entre os sexos (nas faixas 3 e 4) o que, por sua vez, ocasiona os eventuais casamentos interétnicos. Como se observa, a população dos Gaviões é constituída sobretudo por jovens, correspondendo a cerca de 62% dos componentes do grupo.